

# Por uma compreensão da desinformação sob a perspectiva da ciência da informação

## **Bruna Heller**

Mestranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Porto Alegre, RS - Brasil. Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - Brasil. Especialização em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - Brasil. Bibliotecária na Universidade Feevale (FEEVALE) - Novo Hamburgo, RS - Brasil. Bibliotecária no Colégio Luterano Arthur Konrath (CLAK) - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/1193267777004013>

E-mail: [brunahellerbh@gmail.com](mailto:brunahellerbh@gmail.com).

## **Greison Jacobi**

Mestrando em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Porto Alegre, RS - Brasil. Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Brasil. Assistente de Biblioteca da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/6315612537322206>

E-mail: [gjacobi@live.com](mailto:gjacobi@live.com).

## **Jussara Borges**

Pós-Doutorado pela Universidad Carlos III de Madrid (UC3M) - Espanha. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) - Salvador, BA - Brasil.

Professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA) - BA - Brasil. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - RS - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/0229801641242896>

E-mail: [jussara.borges@ufrgs.br](mailto:jussara.borges@ufrgs.br)

Data de submissão: 26/03/2020. Data de aceite: 06/10/2020. Data de publicação: 27/04/2021

## **RESUMO**

A sociedade tem sido impactada pela face mais evidente da desinformação: as *fake news*. Embora alguns estudos elevem as notícias falsas como o problema central, neste trabalho procuramos demonstrar que o fenômeno é mais amplo. Assim, a proposta é compreender o fenômeno da desinformação como um todo, caracterizando-o, contextualizando-o e exemplificando seus variados tipos e níveis. O presente estudo também evidencia a perspectiva informacional do fenômeno e, portanto, a relevância do tema para a área de ciência da informação (CI). Sob o ponto de vista metodológico, trata-se de uma revisão de literatura construída a partir da análise de 118 documentos recuperados em bases de dados da área de CI, utilizando o horizonte introduzido por três autores: Floridi (1996; 2010), Fallis (2015) e Wardle (2016; 2017; 2019). Os resultados apontam que a ciência da informação dispõe de ferramentas teórico-metodológicas para fazer frente à desinformação, a exemplo da promoção de competências infocomunicacionais.

**Palavras-chave:** Desinformação. Competências infocomunicacionais. Ciência da informação.

## ***For an understanding of disinformation from the perspective of information Science***

### **ABSTRACT**

*Society has been impacted by the most obvious face of disinformation: fake news. Although some studies raise false news as the central problem, in this paper we try to demonstrate that the phenomenon is broader. Thus, the proposal here is to understand the phenomenon of disinformation as a whole, characterizing it, contextualizing it and exemplifying its various types and levels. The present study also highlights the informational perspective of the phenomenon and, therefore, the relevance of the theme for the area of Information Science (IC). From the methodological point of view, it is a literature review built from the analysis of 118 documents retrieved from databases in the IC area, using the innovative horizon introduced by three authors: Floridi (1996; 2010), Fallis (2015) and Wardle (2016; 2017; 2019). The results show that Information Science has theoretical and methodological tools to de face disinformation, such as the promotion of infocommunication competences.*

**Keywords:** *Disinformation. Infocommunication competences. Information Science.*

## ***Para una comprensión de la desinformación desde la perspectiva de la ciencia de información***

### **RESUMEN**

*La sociedad se ha visto afectada por la cara más obvia de la desinformación: las fake news. Aunque algunos estudios plantean las noticias falsas como el problema central, este trabajo intentamos demostrar que el fenómeno es más amplio. Así, la propuesta aquí es comprender el fenómeno de la desinformación en su conjunto, caracterizándolo, contextualizándolo y ejemplificando sus diversos tipos y niveles. El presente estudio también destaca la perspectiva informativa del fenómeno y, por tanto, la relevancia del tema para el área de ciencias de la información (CI). Desde el punto de vista metodológico, se trata de una revisión de la literatura construida a partir del análisis de 118 documentos recuperados de bases de datos en el área de CI, utilizando el horizonte innovador introducido por tres autores: Floridi (1996; 2010), Fallis (2015) y Wardle (2016; 2017; 2019). Los resultados muestran que la ciencia de la información cuenta con herramientas teóricas y metodológicas para enfrentar la desinformación, como la promoción de competencias infocomunicacionales.*

**Palabras clave:** *Desinformación. Competencias infocomunicacionales. Ciencias de la información.*

## INTRODUÇÃO

No início deste milênio, o cenário da ciência da informação (CI) foi permeado por diversos trabalhos que evidenciaram uma sociedade fundada na informação, a exemplo de Castells (2002) e Demo (2000). Baseada em tecnologias que promoviam o fluxo e registro de informações, de fato observou-se uma evolução social em tudo o que dependia de acesso e comunicação de informação, desde a conexão de ativistas ao redor do mundo com causas comuns, até as facilidades cotidianas propiciadas pelas mensagens instantâneas.

Neste início de terceira década do século XXI, a chamada sociedade da informação tem sido fortemente impactada, contudo, pelo fenômeno da desinformação. Embora quando se fale hoje de desinformação automaticamente se pense em *fake news*, o cenário é permeado por diferentes tipos e níveis de desinformação, a exemplo da distorção, da omissão de contexto, do enviesamento das notícias, do excesso de informação, entre outros.

O assunto é de relevância e tem sido estudado em diferentes abordagens, com destaque para a área da comunicação. Assim, a temática instiga o interesse daqueles que se dedicam às implicações políticas das *fake news* (vamos chamar de nível macro), como também as implicações sociais de calúnias disseminadas em redes sociais (nível meso) e as divergências familiares suscitadas pelas “guerras de (des)informação” características dos grupos de mensagens instantâneas (nível micro). Ou seja, trata-se de um fenômeno que permeia toda a sociedade e influencia comportamentos.

Portanto, demanda diferentes tipos de enfrentamento: legislação, mecanismos de checagem de notícias, desenvolvimento de critérios de determinação da veracidade etc. Mas uma frente ainda pouco trabalhada é o viés do cidadão, ou seja, da formação dele para saber e querer fazer frente à desinformação. Na CI essa formação é conhecida como educação de usuários, mas considerando que as pessoas além de usuárias estão, cada vez mais, sendo produtoras de conteúdos, neste artigo vamos nos referir à “educação para a informação”.

Uma definição operacional da educação para a informação é promover competências infocomunicacionais, através das quais as pessoas são capazes de lidar com um cenário complexo em que a informação necessária pode estar registrada, mas também pode estar com pessoas. No primeiro caso, para encontrar, selecionar, avaliar e usar conteúdos é necessária competência em informação. Contudo, se a informação necessária está com pessoas – o que é cada vez mais corriqueiro no contexto hodierno – à competência em informação precisa ser acrescida a competência em comunicação: a capacidade de dialogar, negociar, construir um sentido compartilhado, articular argumentos e trabalhar em colaboração. A recorrência de situações em que a competência em informação e a competência em comunicação são demandadas em conjunto levou à proposição das competências infocomunicacionais (BORGES, 2018).

Assim, a proposta deste artigo é começar por caracterizar, contextualizar e exemplificar a desinformação para, então, avançar para uma proposta de identificação de seus tipos e nuances. Compreende-se que este esforço conceitual é importante para se aproximar do fenômeno sob a perspectiva da ciência da informação e, a partir dessa área, demonstrar a contribuição que se pode dar para o enfrentamento da desinformação, principalmente no que tange à educação para a informação.

## PERCURSO METODOLÓGICO E CARACTERÍSTICAS DO CORPUS

O levantamento bibliográfico foi realizado em novembro de 2019 nas seguintes bases: Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação (Brapi), Directory of Open Access Journals (Doaj), e-Prints in Library and Information Science (e-LIS), Library and Information Science Abstracts (Lisa), Repertório da Produção Periódica Brasileira de Ciência da Informação (RPPBCI) e Google Acadêmico<sup>1</sup>.

Dois critérios foram adotados para definir as bases de dados que serviriam de fontes de informação para este estudo: confiabilidade e pertencimento à área de informação.

As estratégias de busca fundamentaram-se no termo **desinformação**, trazendo variações de idioma e termos complementares. Em função de ser um tema de recentes estudos, tanto na área da informação quanto na da comunicação, não foi delimitado recorte temporal nem tipo de obra para a busca. Os idiomas para seleção dos resultados foram português, inglês e espanhol.

O total de resultados recuperados foi de 580 documentos, incluindo artigos científicos e *papers* de eventos, artigos de revistas não científicas, teses, dissertações, resenhas de livros, entre outros formatos. Os critérios para exclusão de trabalhos foram duplicidade; trabalhos que não apresentaram o conceito de desinformação ou *fake news*; não acesso ao texto completo; e ser de um idioma diferente daqueles definidos para o estudo. Dos 580, foram excluídos 462, totalizando para a análise 118 estudos.

A partir da análise dos resumos, 64 trabalhos, predominantemente em inglês, passaram à fase de interpretação, constituindo o *corpus* da pesquisa. O principal critério de seleção adotado foi o artigo abordar a discussão conceitual sobre desinformação. A maior parte dos textos selecionados foi publicada entre 2018 e 2019, o que evidencia a emergência do assunto na área de informação. As publicações são trabalhos de pesquisa de diversas áreas do conhecimento, como a biblioteconomia, a filosofia da informação e a tecnologia da informação. A maioria dos estudos entende a desinformação como uma informação, para além das *fake news*. Mas uma pequena parte trata o assunto como sinônimo de notícias falsas.

Foram considerados também alguns trabalhos de autores que não fazem parte do escopo de estudos da ciência da informação e que não resultaram do levantamento bibliográfico, mas que apresentavam reflexões fundamentais para a conexão das ideias no âmbito da temática.

De todos os trabalhos selecionados, dois autores se destacaram por suas perspectivas inovadoras: Floridi (1996; 2010) e Fallis (2015). Assim, esses autores fornecem a base de sustentação para a seção seguinte.

## O QUE É DESINFORMAÇÃO?

Em artigo publicado em 2000, Demo já evidenciava as ambivalências da sociedade da informação. Seja pelo excesso de dados que pode gerar uma sensação de ansiedade informacional paralisante, seja pela nossa incapacidade biológica de reter e analisar todos os vieses de determinada informação, seja porque toda a informação carrega a carga ideológica de quem a produz e dissemina, o que se depreende é que uma sociedade alicerçada na informação necessariamente carrega a desinformação. Assim, para Demo (2000) informação e desinformação são o mesmo fenômeno, apenas com sinais inversos. Contudo, apesar de a desinformação sempre existir no escopo do próprio conceito de informação, ela nem sempre ficou evidente no escopo social.

A singularidade da atualidade é que ao mesmo tempo que a internet propiciou celeridade e diversidade de fontes de informação, promoveu um comportamento imediatista: um comportamento informacional atual é que as pessoas abdicam de comparar diversas fontes e ter o conteúdo completo para ficar com a informação oferecida mais rapidamente, na primeira página, ou a informação enviada por terceiros. Esse comportamento pode ser caracterizado como uma “economia cognitiva”: em vez de conferir cada conteúdo, confio na seleção feita pelo algoritmo que seleciona a informação mais relevante de acordo com seus critérios ou em pessoas nas quais confio. Trata-se, portanto, de um terreno fértil para a propagação de *disinformation* e *misinformation*.

Os termos em inglês *disinformation* e *misinformation* começam a ganhar popularidade logo após as eleições presidenciais nos Estados Unidos da América (EUA) em 2016, conforme relata D’Ancona (2018), com o estopim das chamadas *fake news*.

*Fake news* são um formato de notícia de rápido alcance que, segundo Baxter e Marcella (2019, p.1100, tradução nossa) são “definidas como informações falsas, geralmente sensacionalistas, disseminadas sob o pretexto de reportagem.”

Neste trabalho, as *fake news* são entendidas como um tipo de desinformação, em acordo com Wardle (2016), que argumenta que *fake news* é um termo inadequado para descrever o fenômeno da desinformação, que é mais abrangente e vai além de notícias falsas. Quando se fala em desinformação, é importante considerar todo e qualquer tipo de manifestação que venha a enganar, seja um texto escrito ou uma imagem, ou até mesmo um discurso mal comunicado ou enviesado.

Luciano Floridi, estudioso de filosofia da informação, afirmou nos anos 1990 que “a *disinformation* surge sempre que o processo de informação é defeituoso e ocorre por falta de objetividade, falta de completude e falta de pluralismo” (FLORIDI, 1996, p. 509, tradução nossa). Naquele momento, portanto, o autor não considerava o aspecto da intencionalidade no conceito, pois a desinformação era tratada como um fenômeno com ou sem intenção de manipulação.

Hoje o mesmo autor e outros (p. ex. KARLOVA; FISHER, 2013) defendem a *disinformation* e a *misinformation*. Em português não possuímos termos distintos para os dois conceitos, contudo eles diferem na intenção: *disinformation* seria a desinformação com intenção de enganar, enquanto *misinformation* seria a reprodução de uma desinformação sem saber que é ou sem a intenção de enganar (FALLIS, 2015). O entendimento de Floridi (2010) vai ao encontro de Fallis (2015), acrescentando que a *misinformation* é uma informação errada compartilhada sem intenção.

Para Leite (2018), a tradução de *misinformation* adequada para o português seria “má informação”, mas ainda não há consenso nesse entendimento, até pelo fato de que “má informação” possui outro significado para autores como Georgiadou e colaboradores, que a consideram como “informações baseadas na realidade, usadas para infligir danos a uma pessoa, organização ou país” (GEORGIADOU *et al.*, 2018, não paginado, tradução nossa).

A desinformação para Fallis (2015, p. 402, tradução nossa) vem a ser um “engano intencional, informação imprecisa que pode enganar as pessoas”. Fallis (2015) e Floridi (2010) consideram que o intuito da desinformação é induzir o receptor a acreditar que uma informação é confiável e precisa, enquanto trata-se de uma informação tendenciosa, imprecisa ou descontextualizada que visa a enganar o destinatário. Como o alvo nem sempre é um leitor crítico, ele acaba assimilando desinformação como notícia credível, como alertam Aidar e Alves (2019).

Estudos sobre o tema enfocam mais na questão da *disinformation*: desinformação com intencionalidade para engano. No entanto, defendemos que o fenômeno da desinformação engloba também aqueles casos sem intencionalidade, como é o caso da *misinformation* (STAHL, 2006; LOPES; BEZERRA, 2019; FLORIDI, 2010; FALLIS, 2015; KARLOVA; FISCHER, 2013). Quando um usuário repassa uma informação desatualizada como, por exemplo, um aluno informa o número de habitantes de determinado país utilizando como fonte uma enciclopédia impressa, ele acaba desinformando pela desatualização da fonte, mas sem intenção.

A fronteira entre informação, *misinformation* e *disinformation* também pode ser transposta por uma questão de contexto. Por exemplo: uma família divulga um vídeo sobre a doença rara do filho pedindo ajuda financeira para levá-lo a uma clínica especializada no exterior (informação); contudo, infelizmente, a criança vem a falecer, mas o vídeo continua circulando nas redes (*misinformation*). Alguém pode aproveitar o mesmo vídeo para vincular sua própria conta bancária (*disinformation*).

A prática do compartilhamento da desinformação, segundo Fallis (2015), pode conter um grande perigo porque o autor considera a desinformação como uma informação, o que pode levar o indivíduo que a recebeu a compartilhá-la, se ele não tiver senso crítico para julgá-la. O autor ressalta que a comunicação informal do cotidiano é a mais vulnerável ao compartilhamento de desinformação, e que também pode ocorrer na ciência, embora não com tanta frequência em virtude da verificação pelos pares, pelos comitês editoriais e cientistas (FALLIS, 2015). Hales (2019) menciona que o mais surpreendente exemplo seriam artigos científicos com dados totalmente inventados.

Ainda no escopo da ciência, Perry (2018) chama a atenção para os casos de conflito de interesse financeiro, quando cientistas são financiados pela indústria, por exemplo, para produzir resultados acordes com os interesses econômicos da financiadora. Os casos mais conhecidos são os que envolvem a indústria do tabaco, mas o autor cita situações da indústria farmacêutica e de alimentos. Apontar o meio científico como produtor de desinformação demonstra a complexidade do fenômeno porque, em geral, a sociedade ainda deposita confiança nos achados científicos. A (des)informação produzida e disseminada por canais científicos tem a singularidade de não encontrar muitas reservas: em geral, as pessoas creem sem questionar. Até que outra fonte desminta, a crença já foi consolidada e o comportamento alterado. Perry (2018) também encontrou evidências de que a desinformação persiste mesmo após ser desmentida e que, muitas vezes, a correção obtém um resultado inesperado, fortalecendo a crença no erro original.

Pinheiro e Brito (2014), em estudo que pretendia significar a desinformação, apontaram a associação predominante do termo à ausência de informação, ou seja, a perspectiva apresentada ao significado do fenômeno seria a falta de informação. Os autores concluíram, assim, que a desinformação seria a ignorância sobre determinado tema (PINHEIRO; BRITO, 2014).

Muitas vezes a ausência de informação pode estar à relação de poder e o que uma classe dominante quer compartilhar com um grupo, o que teria relação direta com a intencionalidade de omissão ou até mesmo engano proposital.

Os riscos que compreendem o ato de compartilhar informação principalmente em ambientes digitais sem que ela seja validada são diversos: perda de confiabilidade, perda do padrão de qualidade nos formatos da comunicação, dando lugar ao discurso que deixa de se basear em fatos, e até o que Leite e Matos (2017) chamam de zumbificação da informação. Leite e Matos (2017, não paginado) fazem “analogia entre a proliferação do consumo e disseminação de conteúdos sem criticidade, e uma epidemia zumbi” criando o termo zumbificação, que significa “o processo de disseminar e consumir informação falsa ou distorcida sem perceber, devido à ausência de interpretação crítica e checagem de fontes, contribuindo para a infecção generalizada da desinformação na web”.

Deve-se reconhecer que a valorização da verdade continua norteando a vida da maioria das pessoas sob o ponto de vista ético e moral, mas como detectaram Marques, Alves e Medeiros (2019, não paginado), na atualidade “[...] as informações falsas ganham relevância e passam a ser propagadas para disseminar e legitimar ideologias como um elemento que compõe a engrenagem do que se convencionou chamar de ‘sociedade da pós-verdade’ [...]”.

Sob o contexto da pós-verdade, o que parece importar para o consumidor informacional não é a informação em si, mas sim fatores como convergência com sua opinião (AIDAR; ALVES, 2019). Os debates políticos são o exemplo mais evidente, pois costumam se basear no que as pessoas leem de uma notícia compartilhada em redes sociais, muitas vezes baseadas em fontes anônimas ou pouco credíveis.

E por que isso dá tão certo? Porque na maioria das vezes a desinformação apoia-se nas emoções das pessoas. Fatores emocionais e crenças religiosas, políticas, sociais e de ganho pessoal fazem com que a sociedade seja manipulada sem que haja o esforço do convencimento (FALLIS, 2015; FLORIDI, 2010; WARDLE, 2016). A manipulação da verdade sempre existiu, o que difere atualmente é o comportamento das pessoas diante da informação: o manipulado abdica de construir uma posição baseada na razão e nos fatos para corroborar a intenção do manipulador.

[...] as mentiras, as manipulações e as falsidades políticas enfaticamente não são o mesmo que a pós-verdade. A novidade não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso. A indignação dá lugar à indiferença e, por fim, à convivência (D'ANCONA, 2018, p. 34).

Por isso Karlova e Fisher (2013) defendem a necessidade de rever os modelos tradicionais de comportamento informacional, que em geral sugerem uma concepção normativa de informação, como se ela fosse sempre precisa, verdadeira, completa e atualizada: quando o que se observa nos ambientes *on-line* é uma infinidade de informação com vícios diversos.

A convivência ou a indiferença ante à desinformação representa uma mudança de comportamento informacional que não deve ser ignorada. Constitui uma mudança significativa nos padrões éticos que foge ao escopo de discussão no âmbito deste artigo, mas que deve ser estudada em pesquisas futuras.

## TIPOS E NÍVEIS DE DESINFORMAÇÃO

O fenômeno da desinformação pode ser mais bem compreendido quando observada a diversidade de tipos e níveis de desinformação. As informações podem mostrar-se incompletas, distorcidas, falsas, manipuladas, desatualizadas ou descontextualizadas, somente para exemplificar alguns tipos de apresentação de desinformação.

Na internet e em outras mídias de comunicação de massa circulam informações falsas e editadas (recortadas), as pessoas se encontram diante de um contexto em que é preciso identificar o que é falso ou verdadeiro e, também, compreender que existem informações descontextualizadas propositalmente para manipular a opinião pública em diversos aspectos (MATA; GERLIN, 2019, não paginado).

Quanto aos níveis, é importante lembrar que há muitas nuances entre o falso e o verdadeiro: a completa mentira, a meia-verdade, mensagens que são enganosas, mas não falsas em seu conjunto. “Os níveis de falsidade podem ser influenciados pelo uso de preconceitos ou sensacionalismo, com recursos que podem ampliar a verdade sem que a desinformação fique aparente.” (MOURÃO; ROBERTSON, 2019, p. 4, tradução nossa).

Para se ter desinformação são necessários três elementos, conforme Wardle e Derakhshan (2017): agente, mensagem e intérprete. Os tipos de desinformação estão diretamente ligados à intencionalidade de quem as dissemina (agente). Partimos da perspectiva de Wardle e Derakhshan (2017) que entendem que os tipos se apoiam nas principais motivações: financeira, política, social e psicológica. Muitos autores atribuem a elas as intenções para justificar a propagação do fenômeno desinformação:

- a) excesso de informação (CARVALHO; MATEUS, 2018; WALSH, 2010; BRISOLA; BEZERRA, 2018), porque com tamanha quantidade de informações disponíveis na *web*, os consumidores deparam-se com a sobrecarga informacional, encontrando dificuldades para apropriar-se do que é relevante, tornando-se desinformados;
- b) crença na falta de necessidade em verificar a informação (CARVALHO; MATEUS, 2018; WALSH, 2010), abrindo a possibilidade para o compartilhamento de desinformação;
- c) contexto de guerra (VOLKOFF, 2015; ZATTAR, 2018; WALSH, 2010), com o intuito de gerar desinformação para atrasar ou enganar o adversário;

- d) políticas (HERNON, 1995; CARVALHO; MATEUS, 2018; ZATTAR, 2018; BUSCHMAN, 2019; BAXTER; MARCELLA, 2019; RUBIN, 2019; FALLIS, 2015; RODRÍGUEZ-FERRÁNDIZ, 2019; GILCHRIST, 2016; FILIPEC, 2019; BENNETT; LIVINGSTON, 2018; ROSS; RIVERS, 2018; CANAVILHAS; COLUSSI; MOURA, 2019; DEL-FRESNO-GARCÍA, 2019; FROEHLICH, 2017; MORÁN, 2016; 2019; SUAIDEN, 2018; WALKER; MERCEA; BASTOS, 2019; NUNES *et al.*, 2018; MOURA; FURTADO; BELUZZO, 2019; LOPES; BEZERRA, 2019; CONDE; ALCARÁ, 2018; BRISOLA; BEZERRA, 2018), para enaltecer o mandato de um governante e/ou para desacreditar o adversário, trazendo dados positivos e mascarando ou omitindo os negativos e vice-versa;
- e) formato de notícia de fácil disseminação (HALES, 2019; PANG; NG, 2019; WALKER; MERCEA; BASTOS, 2019), como pode-se perceber nas mídias sociais com a circulação de manchetes tendenciosas, que muitas vezes não têm relação com o conteúdo; fenômeno agravado pelo *zero-rating* no Brasil, no qual as pessoas têm acesso somente à manchete sem poder conferir o conteúdo no todo, porque seu plano de dados permite acesso somente à manchete compartilhada na mídia social;
- f) facilidade de publicar em uma rede social (HALES, 2019; BRISOLA; BEZERRA, 2018), sendo suficiente o acesso à internet para publicar o que se quer sem o controle de qualidade que, por exemplo, uma editora faria;
- g) autor científico querendo se fortalecer (HALES, 2019), criando desinformação para destacar sua pesquisa;
- h) curtidas que propagam uma informação (HALES, 2019), trazendo a questão da bolha informacional<sup>2</sup> quando as mídias mostram ao usuário o que ele gostaria de ver ou trazem as novidades viralizadas do momento;
- i) falta de mecanismos para checagem de informação (WALSH, 2010), comprometendo a aferição de determinado conteúdo;
- j) dificuldade em distinguir o que é informação verdadeira ou falsa (WALSH, 2010; BRISOLA; BEZERRA, 2018) por não saber como e onde procurar para determinar se a informação se trata de uma desinformação;
- k) falta de acesso ao conteúdo na íntegra de uma notícia (HERNON, 1995), como nos casos de jornais eletrônicos que necessitam de assinatura para acesso integral à notícia, permitindo ao leitor apenas a leitura do título e manchete da reportagem.

Os disseminadores de desinformação apoiam-se em três principais fragilidades da sociedade:

- a) crenças pessoais (DEL-FRESNO-GARCÍA, 2019; CANAVILHAS; COLUSSI; MOURA, 2019; FROEHLICH, 2017; MORÁN, 2019; MOURA; FURTADO; BELUZZO, 2019; BRISOLA; BEZERRA, 2018): as ideologias pessoais constituídas ao longo do tempo são a principal fragilidade para atingir um indivíduo:

A unilateralidade de uma visão, quando repetida muitas vezes, fixa crenças em hábitos arraigados e petrificados de pensamento, numa confirmação de suas crenças de maneira distorcida, no caso das notícias ou mensagens falsas (*fake news*), pois existe um componente de preconceito embutido pela repetição causadora da crença (MORAES; ALMEIDA; ALVES, 2020, p. 6);

<sup>2</sup> Termo cunhado por Eli Pariser, a bolha informacional refere-se à personalização de busca no Google. A bolha leva a uma limitação informacional, pois o algoritmo de busca tende a apresentar somente os resultados que reafirmam a opinião do usuário. “Baseado nisto, podemos deduzir que esperamos sempre a resposta que mais se ajusta aos nossos interesses quando acessamos as redes e não estamos dispostos à contraposição.” (MORAES, ALMEIDA; ALVES, 2020, p. 5).

- b) ganhos pessoais (FALLIS, 2015; BUSCHMAN, 2019; FROEHLICH, 2017; FLORIDI, 2012; WEICHER, 2006): quando um indivíduo cria uma desinformação para lucrar de alguma maneira, a exemplo do terapeuta Jaime Brunning (ZANAKI, 2019) que defende que as vacinas têm o objetivo de reduzir a população mundial; com isso, Brunning pretende que seus produtos (livros de terapias naturais) possam ser vendidos para a população que acredita em sua desinformação como alternativa às vacinas; e
- c) psicológicas (RODRÍGUEZ-FERRÁNDIZ, 2019; DEL-FRESNO-GARCÍA, 2019; FROEHLICH, 2017; BRISOLA; BEZERRA, 2018): constituem-se das emoções e dos sentimentos vinculados à informação, ou seja, uma informação tendenciosa que se apoie nas emoções de determinado grupo.

Por exemplo, para os ambientalistas, falar sobre um problema econômico pode ser indiferente, se não for associado a um problema ambiental; logo, se o enganador tiver a intenção de desinformar, pode focar o problema econômico para um viés ambiental, justamente para atingir a fragilidade desse grupo.

Assim, em conformidade com alguns autores (WARDLE, 2016; WARDLE; DERAKHSHAN, 2017; VOLKOFF, 2015), é possível estabelecer uma síntese das espécies de desinformação, que podem ser observadas no quadro 1, organizadas por tipo, conceito e exemplos.

Quadro 1 – Tipos de desinformação

	Tipo	Conceito	Exemplos de conteúdos
Wardle (2016)	Sátira ou paródia	Nenhuma intenção de prejudicar, mas tem potencial de enganar quem desconhece o contexto	Memes
	Conexão falsa	Quando manchetes, ilustrações ou legendas não confirmam o conteúdo	Notícias
	Conteúdo enganoso	Uso enganoso de informações para encaixar uma questão ou indivíduo	Manchete tendenciosa
	Contexto falso	Quando o conteúdo genuíno é compartilhado com informação contextual falsa	Junk news <sup>3</sup>
	Conteúdo impostor	Quando fontes genuínas são imitadas	Artigo científico plagiado
	Contexto manipulado	Quando a informação ou imagem genuína é manipulada para enganar	Deep fake news
	Conteúdo fabricado	Conteúdo novo, que é 100% falso, criado para ludibriar e prejudicar	Fake news (notícias falsas)
Volkoff (2015)	Ocultação de informações	Quando informações são ocultadas em um conteúdo para torná-lo mais atrativo	Alguns textos governamentais
	Sobrecarga informacional	Informações excessivas com a intenção de saturar a atenção e, conseqüentemente, o sentido para determinado conteúdo	Infodemia <sup>4</sup>
Pariser (2012)	Falta de informação	Quando não se procura pela informação porque não há interesse, ou porque não se sabe onde procurar ou sequer sabe-se da sua existência	Bolha informacional

Fonte: Elaborado pelos autores, com base em Wardle (2016), Volkoff (2015) e Pariser (2012).

<sup>3</sup> Notícias que se “caracterizam por tirar o contexto de determinado assunto para dar outro sentido àquela notícia ou fato” (AIDAR; ALVES, 2019, p. 19).

<sup>4</sup> “[...] excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa.” Disponível em: [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic\\_por.pdf?sequence=14](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14). Acesso em: 31 ago. 2020.

A sátira - ou paródia - é um formato que, segundo Wardle (2019), não tem intenção de enganar propositalmente, porém dependendo do nível de compartilhamento de tal informação, pode ganhar outro significado e tornar-se desinformação.

A conexão falsa ocorre quando uma informação vem acompanhada de imagens, manchetes ou legendas que não confirmam o conteúdo (WARDLE, 2016). Pode ser uma ilustração, por exemplo, estar disposta em um contexto e não ter relação com aquele trabalho e sim com outra informação anterior, porém a intenção é a informação ser tendenciosa para que engane o leitor.

O conteúdo enganoso ocorre quando o título de uma notícia contém uma informação que não condiz com a notícia, de forma proposital, para atrair leitores para tal comunicação. Exemplificando: “Coronavírus mata a cada 5 segundos 20 mil pessoas” é a manchete; no texto da notícia, não há essa informação, pois a manchete foi disposta assim apenas para chamar a atenção.

O contexto é aquele em que uma informação legítima é compartilhada em um contexto enganador (WARDLE, 2016). Um bom exemplo são fotografias tiradas em um contexto e posteriormente publicadas em outro, a fim de associar a imagem com uma informação diferente da original.

O conteúdo impostor se refere à informação genuína que é reproduzida sem menção ao autor real (WARDLE, 2016). É o caso do plágio, situação em que uma composição autoral é copiada sem a devida licença do autor original e apresentada como própria e inédita.

O conteúdo manipulado ocorre quando uma informação é produzida para enganar (WARDLE, 2016). É o caso dos *deepfakes*: vídeos manipulados, criados (do zero ou não) com ajuda da inteligência artificial (máquinas que aprendem), mas realistas, de pessoas fazendo e dizendo coisas fora de contexto ou que nunca fizeram ou disseram na realidade (JACOBI, 2019).

O conteúdo fabricado é uma informação nova, totalmente falsa, criada na intenção de enganar sobre determinado tema ou aspecto a determinado público (WARDLE, 2016). O exemplo mais recente são as *fake news*. Conforme Silva e Tanus (2019, p. 62), “As *fake news* são informações fraudulentas, criadas de modo intencional, de forma não sustentável, tendo como principal objetivo obter vantagens, principalmente política e/ou econômica.”

A ocultação de informações simboliza quase que uma falta de informação, mas carregada da intencionalidade de esconder parte da verdade (VOLKOFF, 2015). Como exemplo, citam-se alguns textos governamentais em que muitas vezes são divulgadas informações parciais, ocultando a totalidade dos fatos. No caso do Coronavírus (COVID-19<sup>5</sup>), muitas informações ficam sob poder estatal, em alguns casos para evitar alarmismo da população, mas em outros para ocultar a (não) atuação governamental.

A falta de informação, como o nome sugere, é a ausência de informação, implicando lacunas na construção do conhecimento dos sujeitos, uma vez que sem informação completa pode haver limitações na aprendizagem de um indivíduo. Pariser (2012) - autor do termo “bolha informacional” - explica a bolha como um espectro em que os indivíduos que a integram se cercam apenas de informações que os interessam, não estando dispostos à compreensão de novas perspectivas sobre o assunto. A bolha informacional também pode ser gerada por algoritmos que limitam as informações que chegam a determinado indivíduo, a partir de suas escolhas anteriores.

A sobrecarga informacional (*overload* ou excesso informacional) é o conjunto de informações de maneira excessiva que assim é produzida e divulgada com a intenção de saturar a atenção e, conseqüentemente, o sentido de determinado assunto (VOLKOFF, 2015).

Empresas, por exemplo, injetam diversas e diferentes informações sobre um tema, a fim de saturar a população sobre o assunto. Pode existir, também, sem a intenção de saturar, como acontece com a infodemia: diversas informações sobre o novo coronavírus são produzidas a todo momento, causando a pandemia de informações, sobretudo no ambiente virtual.

Todos esses tipos ou formatos de desinformação não são novos e contam com ampla literatura e gama de abordagem. Contudo, destacá-los em um só trabalho ajuda a demonstrar que embora a face mais evidente da desinformação atualmente - as *fake news* - mereça a devida atenção, ela não está sozinha. O enfrentamento da desinformação deve considerar não apenas mecanismos de detecção de veracidade, mas abranger todas as nuances do fenômeno, a começar por sua raiz: atacar a desinformação com vacinas que a ciência da informação já conhece, como a educação para a informação.

A educação para a informação tem na CI um arcabouço de conhecimento considerável, que vai desde os estudos de instrução bibliográfica, passando pelos estudos de usuários até chegar às mais recentes pesquisas sobre a promoção de competências infocomunicacionais, temática abordada na próxima seção.

## **A DESINFORMAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Os estudos sobre desinformação na ciência da informação começam a ganhar maior amplitude a partir de 2018, sendo que anteriormente poucos pesquisadores do campo publicaram sobre o tema. Mesmo assim, uma reduzida literatura foi encontrada. Datado na década de 1990, Herson (1995), bibliotecário, publicou trabalho sobre a *disinformation* e a *misinformation*.

Outros bibliotecários no início dos anos 2000 também preocupavam-se com o problema da desinformação e relacionavam seu combate à competência informacional (DROBNICKI; ASARO, 2001; KESHAVARZ, 2004; WEICHER, 2006). Fetzer (2004), na linha da filosofia da informação, é um forte contribuinte na discussão com seus estudos acerca do tema, por entender o fenômeno como uma informação.

Na década de 2010, outros pesquisadores de ciência da informação sobressaem: Walsh (2010), Keshavarz (2014), Pinheiro e Brito (2014), Morán (2015; 2016), mas o maior destaque é para produção científica nos anos de 2018 e 2019, em que muitas pesquisas na área da CI começam a estender-se, voltadas para estudos do formato *fake news* e para a desinformação como um todo, com base em autores que estudam teoricamente o fenômeno, analisando o assunto sob perspectivas sociais, filosóficas e éticas, entre outras. As contribuições mais citadas em trabalhos de CI são de filósofos da informação: Fallis (2015), Floridi (2010), Froehlich (2017) e Volkoff (2015).

O fenômeno da desinformação, sendo uma ambivalência da informação, situa-se claramente no âmbito da CI. Seja oferecendo uma discussão robusta, seja indicando meios de enfrentamento a esse fenômeno, a CI pode assumir o protagonismo de quem tem a informação como seu objeto. A perspectiva que parece encontrar melhor aceitação entre os pesquisadores da área (PERRY, 2018; MARA; GERLIN, 2019; SILVA; TANUS, 2019; NASCIMENTO *et al.*, 2019) é o enfrentamento da desinformação através da formação de indivíduos informacionalmente competentes:

Embora as bibliotecas existam há muito tempo para fornecer acesso às informações, simplesmente fornecer acesso não é mais suficiente. As bibliotecas podem capacitar os usuários a fazer uso efetivo das informações que acessam. Fornecer instrução para a competência em informação tem sido uma missão importante da profissão de bibliotecário (PERRY, 2018, p. 217, tradução nossa).

Muitos autores apontam a competência em informação como um caminho para erradicar a desinformação (PERRY, 2018; MATA; GERLIN, 2019; WALSH, 2020, ZATTAR, 2018; GEORGIADOU *et al.*, 2018; NASCIMENTO *et al.*, 2019; SILVA; TANUS, 2019; BEZERRA, 2018; CONDE; ALCARÁ, 2018; LOPES; BEZERRA, 2019; OLIVEIRA, 2018; FERREIRA; PINHO NETO, 2018). Brisola e Bezerra (2018, p. 3327) chamam de “remédio contraceptivo” o uso da competência em informação como solução para uma sociedade mais crítica para viver na era da pós-verdade.

Para Mourão e Robertson (2019), tanto as soluções tecnológicas de detecção de *fake news* quanto as intervenções no campo das competências midiáticas<sup>6</sup> são inócuas porque o problema real estaria na polarização política e na emergência de crenças conservadoras: “Por exemplo, a crença conservadora nos meios de comunicação de direita e a visão correspondente de que a mídia convencional veicula notícias falsas podem ter menos a ver com falta de alfabetização e mais com identidade.” (MOURÃO; ROBERTSON, 2019, p. 16, tradução nossa).

Essa perspectiva mais ampla e social trazida por Mourão e Robertson (2019) encontra conexão nas iniciativas de pesquisa e extensão promovidas pelo Grupo de Pesquisa em Comportamento e Competência Infocomunicacional (InfoCom<sup>7</sup>). O InfoCom vem alargando a abordagem de promoção de competências informacionais para abranger o desenvolvimento de **atitudes** perante o universo infocomunicacional, além dos tradicionais aspectos de conhecimento e habilidades.

As pesquisas de Borges (2018) vêm demonstrando, por exemplo, que não basta ensinar a avaliar a informação ou a usar ferramentas de checagem, se as pessoas não se interessarem em fazê-lo! A perspectiva crítica perante a informação, portanto, não se restringe ao momento do consumo, mas precisa estar inscrita em todas as etapas do processo infocomunicacional: começando por questionar a necessidade de acesso a tanta informação, que muitas vezes leva à saturação e logo, à desinformação; e incluindo a criticidade perante a comunicação e, portanto, a responsabilidade sobre o que é produzido e disseminado, pois cada indivíduo também conforma o que é o universo infocomunicacional em que vive.

Com essa perspectiva que considera as atitudes, as competências infocomunicacionais representam a inter-relação entre as competências em informação, em comunicação e as operacionais. As competências infocomunicacionais não lidam somente com as competências tradicionais no quesito da informação (buscar, avaliar, compreender e usar a informação), porque consideram para além do conteúdo, as competências em comunicação que tratam dos aspectos relacionais: como distribuir mensagens pela ação do compartilhamento, participar ativamente na discussão sobre determinados temas com outras pessoas, estabelecer parcerias de trabalho, entre outras.

Quando se fala em desinformação, portanto, é importante compreender a relação que a informação (conteúdo) tem com a comunicação (relações). Wolton (2011) explica que não há comunicação sem informação, porque a comunicação exige conteúdo. Contudo, somente o conteúdo é insuficiente, pois a comunicação deve levar em consideração o receptor da informação.. Ademais, o autor afirma que não há informação sem um projeto de comunicação, ou seja, para que construir a informação, se não para ser comunicada? Salienta ainda que “não é possível estabelecer uma hierarquia [entre comunicação e informação]. Devemos pensá-las em conjunto” (WOLTON, 2011, p. 13). Assim, a desinformação precisa ser compreendida e enfrentada na confluência entre essas duas áreas.

## CONCLUSÃO

Ainda que caracterizar a desinformação assemelhe-se a perseguir o horizonte, neste artigo fez-se um esforço para identificar suas principais facetas num contexto marcado por forças interdependentes, a exemplo da pós-verdade. No decorrer do artigo e a partir das análises, percebe-se que o fenômeno da desinformação é um assunto que está sob o olhar de pesquisadores de diversas áreas e dos cientistas da informação há pelo menos duas décadas. Muito antes do cenário da pós-verdade, já se tinha a percepção do fenômeno, ainda que em amplitude menor do que na atualidade. Hoje parece ser consenso entre a maioria dos pesquisadores que a desinformação é uma informação, envolvendo sua complexidade e atributos.

Em busca da tipificação, constatou-se que os formatos de desinformação em muito convergem com outro fenômeno contemporâneo: a pós-verdade. Se nos trabalhos produzidos nos anos 2000, a desinformação parecia mais alinhada com a falta de informação, ao longo dos últimos 20 anos, o conceito passou a agregar outros tipos, como a informação distorcida, propositalmente ou imprecisa, aquela que é compartilhada sem validação ou qualquer tipo de senso crítico e, mais recentemente, aquela que apela às crenças pessoais a despeito de ser verdade ou não.

A maioria dos autores da área de ciência da informação indica o desenvolvimento de competência em informação como um caminho para fazer frente ao cenário descrito. Os profissionais que têm a informação como seu principal objeto de trabalho podem contribuir significativamente promovendo uma educação para a informação que empodere sujeitos diante da desinformação. Neste artigo advogamos pela confluência da competência em comunicação perfazendo a promoção de competências infocomunicacionais.

Na perspectiva de promover competências infocomunicacionais, há diversas ações conduzidas por organizações, empresas, escolas e grupos de pesquisa. São iniciativas indispensáveis para o enfrentamento da desinformação, mas insuficientes por alcançarem uma parcela restrita da população. Ações como essas deveriam permear todo o período de formação educacional dos estudantes, contemplando o ensino básico, fundamental, médio e superior. Se a informação é um ativo (econômico, político, social), a formação para lidar com tal ativo - a educação para a informação - é fundamental como política pública de Estado.

---

## REFERÊNCIAS

- AIDAR, F.; ALVES, J. C. *Como não ser enganado pelas fakes news*. São Paulo: Moderna, 2019.
- BAXTER, G.; MARCELLA, R. Scottish citizens' perceptions of the credibility of online political "facts" in the "fake news" era: an exploratory study. *Journal of Documentation*, v. 75, n. 5, p. 1100-1123, 2019. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JD-10-2018-0161/full/html>. Acesso em: 03 jan. 2020.
- BENNETT, W. L.; LIVINGSTON, S. The disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions. *European Journal of Communication*, v. 33, n. 2, p. 122-139, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0267323118760317>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- BEZERRA, A. C. Contribuição da teoria crítica aos estudos sobre regime de informação e competência crítica em informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. *Anais eletrônicos [...]*. Londrina: UEL, 2018. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/103164>. Acesso em: 02 mar. 2020.
- BORGES, J. Competências infocomunicacionais: estrutura conceitual e indicadores de avaliação. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v.28, n.1, p. 123-140, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/38289>. Acesso em: 02 mar. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *O que é COVID-19*. [2020]. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 23 ago. 2020.

- BRISOLA, A. B.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMACÃO, 19., 2018, Londrina. *Anais eletrônicos...* Londrina: UEL, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/124659>. Acesso em: 07 set. 2020.
- BUSCHMAN, J. Good news, bad news, and fake news: going beyond political literacy to democracy and libraries. *Journal of Documentation*, v. 75, n. 1, p. 213–228, 2019. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JD-05-2018-0074/full/pdf?title=good-news-bad-news-and-fake-news-going-beyond-political-literacy-to-democracy-and-libraries>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- CANAVILHAS, J.; COLUSSI, J.; MOURA, Z. B. Desinformación en las elecciones presidenciales 2018 en Brasil: un análisis de los grupos familiares en WhatsApp. *El profesional de la información*, Portugal, v. 28, n. 5, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3145/epi.2019.sep.03>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- CARVALHO, M. F. C. de; MATEUS, C. A. Fake news e desinformação no meio digital: análise da produção científica sobre o tema na área de ciência da informação. In: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DAS REGIÕES SUDESTE, CENTRO-OESTE E SUL, 5., 2018, Belo Horizonte. *Anais eletrônicos [...]*. Belo Horizonte: UFMG, 2018. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/3760/2197>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 6. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002. (A era da informação: economia, sociedade e cultura)
- CONDE, C. A. G. F.; ALCARÁ, A. R. Desinformação: qualidade da informação compartilhada em mídias sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Marília. *Anais eletrônicos [...]*. Marília: UNESP, 2018. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1143/501>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- D’ANCONA, M. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri: Faro Editorial, 2018.
- DEL-FRESNO-GARCÍA, M. Desórdenes informativos: sobreexpuestos e infrainformados en la era de la posverdad. *El Profesional de la Información*, v. 28, n. 3, p. 1–11, 2019. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/38804/1/fresno.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37–42, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a05v29n2>. Acesso em: 03 jan. 2020.
- DROBNICKI, J. A.; ASARO, R. Historical fabrications on the internet: Recognition, evaluation, and use in bibliographic instruction. *Reference Librarian*, v. 35, n. 74, p. 121–164, 2001. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J120v35n74\\_09?tab=permissions&scroll=top](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J120v35n74_09?tab=permissions&scroll=top). Acesso em: 01 mar. 2020.
- FALLIS, D. What is disinformation?. *Library Trends*, v. 63, n. 3, p. 401–426, 2015. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/89818/63.3.fallis.pdf?sequence=2>. Acesso em: 06 jan. 2020.
- FERREIRA, T.E.L.R.; PINHO NETO, J.A.S. Na contramão da informação preventiva: desinformação sobre prevenção de HIV/AIDS. *Biblionline*, João Pessoa, v. 14, n. 3, p. 3–13, jul/set., 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/41364>. Acesso em 03 mar. 2020.
- FETZER, J. Disinformation: the use of false information. *Minds and Machines*, v. 14, n. 2, p. 231–240, 2004. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/225841588\\_Disinformation\\_The\\_Use\\_of\\_False\\_Information](https://www.researchgate.net/publication/225841588_Disinformation_The_Use_of_False_Information). Acesso em: 01 mar. 2020.
- FILIPEC, O. Towards a disinformation resilient society? The experience of the Czech Republic. *Cosmopolitan Civil Societies*, v. 11, n. 1, p. 1–26, 2019. Disponível em: <https://epress.lib.uts.edu.au/journals/index.php/mcs/article/view/6065/7126>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- FLORIDI, L. Brave.Net.World: the Internet as a disinformation superhighway?. *The Electronic Library*, v. 14, n. 5, oct. 1996. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/eb045517/full/pdf?title=bravenetworld-the-internet-as-a-disinformation-superhighway>. Acesso em: 12 fev. 2020.
- FLORIDI, L. *Information: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- FLORIDI, L. Steps forward in the philosophy of information. *Etica Política/Ethics Politics* v. 14, n.1, p. 304–310, 2012. Disponível em: [http://www.researchgate.net/publication/235223197\\_Steps\\_Forward\\_in\\_the\\_Philosophy\\_of\\_Information](http://www.researchgate.net/publication/235223197_Steps_Forward_in_the_Philosophy_of_Information). Acesso em: 12 fev. 2020.
- FROEHLICH, T. J. A not-so-brief account of current information ethics: The ethics of ignorance, missing information, misinformation, disinformation and other forms of deception or incompetence. *BiD*, v. 39, n. 39, 2017. Disponível em: <http://bid.ub.edu/pdf/39/en/froehlich.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- GEORGIADOU, E. *et al.* Fake News and Critical Thinking in Information Evaluation. In: Western Balkan Information Literacy Conference WBILC 2018, 2018, Bihac, Bosnia and Herzegovina. *Anais eletrônicos [...]*. Bihac: [s.n.], 2018. Disponível em: [https://c800f650-b205-46a8-9d57-2ac93e27292e.filesusr.com/ugd/3a3c2d\\_b312292fcb6b4ece89cafb8c6b3c942a.pdf](https://c800f650-b205-46a8-9d57-2ac93e27292e.filesusr.com/ugd/3a3c2d_b312292fcb6b4ece89cafb8c6b3c942a.pdf). Acesso em: 01 mar. 2020.
- GILCHRIST, A. “Not waving, but drowning”: Information Science in the ‘Information Society’. *Ibersid*, v. 10, n. 1, p. 13–21, 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/305373660\\_Not\\_waving\\_but\\_drowning\\_Information\\_Science\\_in\\_the\\_Information\\_Society](https://www.researchgate.net/publication/305373660_Not_waving_but_drowning_Information_Science_in_the_Information_Society). Acesso em: 01 mar. 2020.

- HALES, S. Misinformation and disinformation. *Info Insights*, v. 23, n. 2, 2019. Disponível em: <https://search-proquest.ez45.periodicos.capes.gov.br/docview/2275875089?accountid=26641>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- HERNON, P. Disinformation and misinformation through the internet: Findings of an exploratory study. *Government Information Quarterly*, v. 12, n. 2, p. 133–139, 1995. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0740624X95900527>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- JACOBI, G. *Mídias sociais como fonte de informação de adolescentes e jovens em tempos de fake news*. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Biblioteconomia - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - FABICO, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/212448>. Acesso em: 02 mar. 2020.
- KARLOVA, N. A.; FISHER, K. E. A social diffusion model of misinformation and disinformation for understanding human information behaviour. *Information Research*, v. 18, n. 1, 2013. Disponível em: <http://informationr.net/ir/18-1/paper573.html#Xlrl-qhKjIU>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- KESHAVARZ, H. How credible is information on the web: reflections on misinformation and disinformation. *Infopreneurship Journal (IJ)*, v. 1, n. 2, p. 0–1, 2014. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/23451/1/How%20Credible%20is%20Information%20on%20the%20Web.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- LEITE, L. R. T. *Confiabilidade informacional: a Filosofia da Informação e o desenvolvimento da leitura crítica no ambiente virtual*. 2018. Dissertação (Mestrado em Gestão de Unidades de Informação) – Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/194083/UDESC0036-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 fev. 2020.
- LEITE, L. R. T.; MATOS, J. C. Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2017, Fortaleza. *Anais eletrônicos* [...]. São Paulo: FEBAB, 2017. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1961/1962>. Acesso em: 18 fev. 2020.
- LOPES, B. da C. M.; BEZERRA, A. C. Entre hiperinformação e desinformação: o “fio de ariadne” para a preservação da informação na web. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4605>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- MARQUES, J. F.; ALVES, E. C.; MEDEIROS, J. W. de M. Fake news e (des)informação como estratégia política. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. *Anais eletrônicos* [...]. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1016/751>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- MATA, M. L; da; GERLIN, M. N. M. Programa para a formação em competência em informação visando uma educação que auxilie no combate à desinformação: enfoque nos critérios de avaliação da informação e de fake news. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. *Anais eletrônicos* [...]. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1143/501>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- MORAES, S. C. B.; ALMEIDA, C. C. A.; ALVES, M. R. de L. Informação, Verdade e Pós-Verdade: uma crítica pragmaticista na Ciência da Informação. *Encontros Bibli*, Florianópolis, v. 25, p. 01-22, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e65505/41945>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- MORÁN, A. Las injusticias informativas como injusticias epistémicas. *InCID: Revista de Ciencia da Informação e Documentação*, v. 10, n. 1, p. 44–63, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/152970>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- MOURA, A. R. P.; FURTADO, R. L.; BELUZZO, R. C. B. Desinformação e competência em informação: discussões e possibilidades na Arquivologia. *Ciência da Informação em Revista*, Maceió, v. 6, n. 1, p. 37-57, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/114193>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- MOURÃO, R. R.; Robertson, C. T. Fake News as discursive integration: an analysis of sites that publish false, misleading, hyperpartisan and sensational information. *Journalism Studies*, v. 20, n. 14, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1461670X.2019.1566871>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- NASCIMENTO, A. P. S. *et al.* Ética da informação e fake news no âmbito da desinformação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. *Anais eletrônicos* [...]. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1153/758>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- NUNES, Ana et al. A ação dos bots no processo de desinformação em eleições e referendos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Marília, SP. *Anais eletrônicos* [...]. Marília, SP: Unesp, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/102462>. Acesso em: 02 mar. 2021.
- OTTONICAR, S. L. C. *et al.* Fake news, big data e o risco à democracia: novos desafios à competência em informação e midiática. In: encontro ibérico EDICIC, 9., 2019, Barcelona. *Anais eletrônicos* [...]. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2019. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/34337/1/EDICIC%20pdf%20versao%20do%20pre%20print.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.
- PANG, N.; NG, J. Misinformation in a riot: a two-step flow view. *Online Information Review*, v. 41, n. 4, p. 438–453, 2017. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/OIR-09-2015-0297/full/pdf?title=misinformation-in-a-riot-a-two-step-flow-view>. Acesso em: 29 fev. 2020.

- PARISER, E. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- PERRY, H. B. Understanding financial conflict of interest: Implications for information literacy instruction. *Communications in Information Literacy*, v. 12, n. 2, p. 215-225, 2018. Disponível em: <https://pdxscholar.library.pdx.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1266&context=comminfolit>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- PINHEIRO, M. M. K.; BRITO, V. de P. Em busca do significado da desinformação. *DataGramZero Revista de Informação*, v. 15, n. 6, p. 1–10, 2014. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/51758>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- REYES, A. A. M. Review of the Wiener's problem or of ontological status of information. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, v. 38, n. 1, p. 65–78, 2015. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0120-09762015000100005](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0120-09762015000100005). Acesso em: 01 mar. 2020.
- RODRÍGUEZ-FERRÁNDIZ, R. Posverdad y fake news en comunicación política: breve genealogía. *El Profesional de la Información*, Espanha, v. 28, n. 3, p. 1–14, 2019. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/EPI/article/view/epi.2019.may.14>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- ROSS, A. S.; RIVERS, D. J. Discursive deflection: accusation of “Fake News” and the spread of mis- and Disinformation in the tweets of president Trump. *Social Media and Society*, v. 4, n. 2, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2056305118776010>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- RUBIN, V. L. Disinformation and misinformation triangle: a conceptual model for “fake news” epidemic, causal factors and interventions. *Journal of Documentation*, v. 75, n. 5, p. 1013–1034, 2019. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JD-12-2018-0209/full/pdf?title=disinformation-and-misinformation-triangle-a-conceptual-model-for-fake-news-epidemic-causal-factors-and-interventions>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- SILVA, S. S. da; TANUS, G. F. de S. C. O bibliotecário e as fake news: análise da percepção dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. *Inf. Pauta*, Fortaleza, v. 4 n. 2, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/41558>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- STAHL, Bernd Carsten. On the difference or equality of information, misinformation, and disinformation: a critical research perspective. *Informing Science Journal*, [s.l.], v. 9, 2006. Disponível em: <http://inform.nu/Articles/Vol9/v9p083-096Stahl65.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2021.
- SUAIDEN, E. J. La biblioteca pública y las competencias del siglo XXI. *El Profesional de la Información*, v. 27, n. 5, p. 1136, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32708>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- VOLKOFF, V. *Pequena história da desinformação: do cavalo de Tróia à internet*. Curitiba: Ed. Vila do Príncipe, 2004.
- WALKER, S.; MERCEA, D.; BASTOS, M. The disinformation landscape and the lockdown of social platforms. *Information, Communication & Society*, v. 22, n. 11, p. 1531–1543, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/1369118X.2019.1648536?needAccess=true>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- WALSH, J. Librarians and controlling disinformation: Is multi-literacy instruction the answer? *Library Review*, v. 59, n. 7, p. 498–511, 2010. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/00242531011065091/full/html>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- WARDLE, C. *6 types election fake news*. 2016. Disponível em: [https://www.cjr.org/tow\\_center/6\\_types\\_election\\_fake\\_news.php](https://www.cjr.org/tow_center/6_types_election_fake_news.php). Acesso em: 03 mar. 2021.
- WARDLE, C. *Understanding information disorder*. EUA: First Draft, 2019. e-book. Disponível em: [https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2019/10/Information\\_Disorder\\_Digital\\_AW.pdf?x76701](https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2019/10/Information_Disorder_Digital_AW.pdf?x76701). Acesso em: 18 fev. 2020.
- WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. *Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. [S.l.]: [s.n.], 2017. Disponível em: <https://shorensteincenter.org/wp-content/uploads/2017/10/PREMS-162317-GBR-2018-Report-de%CC%81sinformation.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- WEICHER, M. [Name withheld]: Anonymity and its implications. *Proceedings of the ASIST Annual Meeting*, v. 43, 2006. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/meet.1450430189>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- WOLTON, Dominique. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- ZANAKI, M. Terapeuta de Americana dissemina fake news sobre vacinação. *O Liberal*, Americana, 2019. Disponível em: <https://liberal.com.br/cidades/americana/terapeuta-de-americana-dissemina-fake-news-sobre-vacinacao-1104825/>. Acesso em 29 fev. 2020.
- ZATTAR, M. Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 285-293, novembro 2017. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4075/3385>. Acesso em: 29 fev. 2020.

---

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.